

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 1 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua Elias Garcia, 10

Guimarães, 1 de Janeiro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade—FAPE

O nosso intuito

ENSINO RELIGIOSO

Pelo que tem de logico, subsiste ainda o velho uso da apresentação do jornal, isto é, de se dizer no primeiro numero de um jornal os fins a que se visa e o plano a que obedecerá para os atingir. Não fugiremos á praça e assim o redactor do primeiro numero de «A Razão» será a exposição sucinta, mas clara, dos nossos fins e do nosso plano.

A campanha acintosa que por todos os modos se vem fazendo contra a Republica e os republicanos, campanha que, longe de obedecer ás normas de uma critica conscienciosamente feita e imparcialmente argumentada, só ao odio de facções vai buscar todo o seu zento, tornou inadiavel a publicação de um jornal que, defendendo a Republica, fosse tambem a afirmação insofismavel de que os republicanos deste conceito não são indiferentes ao destino do regime, nem podem ser acovardados e pusilanimos ante as investidas traçoceiras dos seus adversarios politicos. De facto, estes, convencidos já de que nem pela força nem pelos meios legais podem subverter as instituições democraticas, recorrem aos meios condenaveis do insulto e da calunia, por esse modo procurando a confusão, da qual esperam a ruina da Republica. Deixar que a campanha se faça sem protesto, consentir por mais tempo e em silencio nessa obra nefasta e anti-patriótica seria aviltamento. É grave a hora, que não vai para retaliações, nem divargencias e, se ás dificuldades de toda a ordem que sobre a Patria impendem, se juntarem apelas que lhe querem criar os inimigos das instituições vigentes, a derrocada será inevitavel, que nada podera opôr-se á anarquia para que pretendem lançar-nos. Lutemos, pois, e, para assegurar o exito, que as bandeiras partidarias se abatam e só uma se erga altaneira e nos norteie na pugna—a bandeira da Republica, simbolo da Patria. Propaguemos os sublimes principios democraticos, divulguemos os preceitos cívicos, sem os quais não pode haver vitalidade social que perdure e, assim, faremos a melhor defeza do regime e muito contribuiremos para o bem estar colectivo; e, como preceitos cívicos e principios democraticos devem ter por base a mais solida moral, claro está que tal assunto nos merecera particular cuidado, mesmo porque é aquele que mais importa tratar no actual momento politico nacional. Encara-lo-hemos sob todos os seus aspectos, a verdade por alvo e lema, na aspiração unica e inquebrantavel de alguma coisa fazermos contra a imoralidade que por aí campeia e que é o factor primordial da desordem em que vivemos e da indisciplina que ameaça esmagar-nos.

Eis a traços largos qual o objectivo de «A Razão». Que em volta dela se agrupem todos os republicanos dignos deste nome e por certo triunfaremos. Pela Patria e pela Republica!

Sem querermos entrar propriamente na questão ultimamente suscitada pela attitude do Ex.º Sr. Dr. Leonardo Coimbra, não podemos deixar de fazer reparo a um dos argumentos que os partidarios do ensino religioso trazem a publico para defeza do seu modo de ver. Porque não é permitido o ensino religioso nas nossas escolas, dizem eles, muitos portugueses se veem na necessidade de mandar educar no estrangeiro os seus filhos, o que até certo ponto importa a desnacionalização. Eu não quero pôr em duvida a boa-fé de muitos dos que se servem de tal argumentação; todavia, é para mim indiscutivel que só uma ingenuidade espantosa ou coez tabolice podem manter de pé uma afirmativa desta natureza.

Quem ha aí que possa provar que o ensino religioso se não faz entre nós! Não se ministra nas escolas, é certo; mas só nas escolas ele se pode ministrar? E' indubitavel que não, como é indubitavel que muitos são os modos porque o podem obter aqueles que o desejam, como é indubitavel que o ensino religioso se exerce em todo o paiz, sem que hoje alguém se lembre de contra isso protestar. Legal ou ilegalmente o ensino religioso faz-se em toda a parte onde o queiram, menos nas escolas officias. Para que negar o que é evidente? Por outro lado, não estão as igrejas abertas em todo o paiz e não serão elas os lugares mais proprios para tal ensino?

Parece-nos que sim, mesmo porque aí o mestre seria o padre, isto é, o mestre seria o que em melhores condições estava de o ser. Era assim que se fazia nos meus tempos de rapaz; reuniam-se as creanças na igreja a horas certas e do padre recebiam o ensinamento que procuravam. Aquelas familias que por seus bens ou seus caprichos não queriam os filhos em tal miscelanea, ou lhes davam directamente esse ensino ou contratavam quem lho desse. Era assim aqui ha duas décadas de anos; porque o não pode ser hoje? Se nos propuzessemos entrar no amago da questão, depressa acharíamos a razão.

EXPEDIENTE

Para a boa orientação dos serviços de administração, pedimos, a todos que não queiram assinar este semanario, a fineza de o devolver a esta redacção até ao 2.º numero, pois, em caso contrario, serão considerados assinantes.

FORMIGAS

Quando as vejo, a um formar,
Pr'o formigueiro em cortejo
Tenho a impressão de que vejo
Um exercito a marchar.

Comandante?!—Bem educadas
Elas cumprem o seu dever
E isto basta p'ras vêr
De per si disciplinadas.

Castigos?! E qual merece
Na colonia ser punida?
—Ai d'aquela, da atrevida
Que por castigos fizesse!

Que, hoje em dia,—é calcular,—
E' tão fina a educação
Que abuliram a execução
Por não haver quem maltratar.

A ultima a ter algoz
—Segundo lá a sua historia—
Foi nos tempos, sem memória,
Em que os bichos tinham voz.

Sempre, sempre, a trabalhar,
Elas pensam—e pensam bem:—
—Se hoje ha sól pode tambem
Amanhã vir a nevar.

Não ha nenhuma que torça
Em qualquer luta empenhada!
Divisa é esta e... mais nada:
—«A união faz a força».

Sem alardes, sem zum-zuns,
Sem comicios e jornaes,
Um por todos—e animaes—
E todos tambem por um.

Que viver de abençoar
Deve ser o das formigas!
—Uma só Patria de amigas,
Um sonho só: Trabalhar.

H. A.

Mas, adiante. E depois, em casa completava-se, esse ensino. Tal qual. A' noite e até de dia, nas horas vagas, minha mãe chamava para junto de si a peizada—vá lá o termo—e havia catequese e até se lia a Biblia. Porque o não fazem as mães de hoje? A resposta é facil. Quem ignora o que fosse o ensino religioso nas escolas, quando nelas se ministrava? Não era mais do que um modo de passar do tempo, para não dizer de perder tempo. De resto, rara era a creança que nessa data entrava para a escola sem saber a *carilha*; é que nesse tempo não se ia para a escola a cheirar a leite, nem os pais anciavam por encontrar um mercenario que lhe tomasse conta dos filhos. Demonstrado que entre nós só não tem ensino religioso quem o não quer ter, vamos ao outro aspecto da questão: a

contingencia e a que certa se veem de mandar os filhos ao estrangeiro. Por qualquer lado que enfuremos esta asserção, sempre concluiremos por ser ela excessivamente ridicula pelo que tem de francamente pedante. Quem envia os filhos ao estrangeiro? Naturalmente, quem tem posses, haveres para isso. Neste caso, facil é ver-se que aqueles que podem com tais encargos, melhor arcariam com os que lhe vies em de aqui mesmo contractarem um professor especial. Tolo é o argumento, que, se nos deixa antevar a desnacionalização dos enviados para fora da Patria, não menos nos prova a carencia de patriotismo dos que os enviam.

Só um snobismo bacoco, só um pedantismo estulto move aqueles que assim procedem por tão futil motivo. Pois então não são os que têm haveres os que melhor podem ministrar o ensino religioso, quando o queiram, aos seus filhos no proprio lar...

Independente do que acima dissemos, isto é pondo mesmo de parte o contracto de um professor especial, quem melhor pode dedicar algumas horas ao ensino religioso dos filhos? Eles, naturalmente. E se o não fazem é pela pessima noção que tem dos deveres paternos, é por que aturar os filhos é uma estopada, é porque a sociedade vem fazendo da mulher o objecto de prazer e luxu que para si se vê, assim perversendo a sua posição social e mistificando a sua principal função, a de mãe.

E' imperdoavel o erro, tão profundamente ele se faz sentir, tão palpaveis são as suas funestas consequencias. Entre nós, pode considerar-se nula a educação familiar, porque é nulo o seu principal agente, a mulher.

Se assim não fosse, necessidade alguma havia de confiar a estranhos a solução religiosa de nossos filhos e muito menos de os mandar ao estrangeiro para tal fim.

Esposa e mãe, pelos sublimes da mais sublime das missões, quanto mais não vale a mulher que o saiba ser do que aquela que tudo esquece e tudo sacrifica para que a deixem viver nos estreitos limites de uma coquetterie inutil!...

E tantas hossanas ao cristianismo porque significou a mulher, e tantas censuras ás velhas civilizações porque estas a mantinham em situação deprimente!

E para que? Que diferença notavel vai entre a função hoje exercida pela mulher e a que exerceu primitivamente? Alguma vai, é certo, mas não tanto que valha hossanas.

Porventura, soube ela manter-se no plano em que a collocaram os principios cristãos; soube ela ou soubemos nós mantê-la dentro dos direitos e dos deveres dessa posição egualitaria que por tais principios lhe era dada?... Creio que

não, assim como creio que aquelas que acusem de falha de homogeneidade a familia antiga pouco erram ou nada erram se o mesmo defeito apontarem á familia actual.

Dório.

PELA REPUBLICA

O melhor modo de defender a Patria no momento politico que decorre, é propazar as doutrinas republicanas. De facto, supor que um homem, uma vontade feita lei, é remedio bastante e unico para debelar os males de que enfermamos; supor que os mil interesses que se chocam e degladiam podem refrear-se a um simples sinal de qualquer tiranete; supor, enfim, politica a crise por que passamos e por que passamos todos os povos com historia feita, erro grave é, mas que mais parece insensata ou estulticia. Regimes monarchicos de solidos alicerces, para se manterem hoje, fazem concessões constantes, diarias, das suas prerogativas, dos seus privilegios mais remotos, numa transigencia que, embora lenta, bem atesta que nada pode reter a marcha avassaladora das democracias. E como deixar de ser assim? Nos credos politicos como nos credos religiosos, quais aqueles que de preferencia subsistem? Necessariamente

os que melhor defendem a posição do individuo na sociedade, isto é, os que ao individuo oferecem melhores condições sociais, e estas serão tanto melhores, quanto mais amplas e bem compreendidas forem as liberdades individuais, base de todo o progresso colectivo. Ora as liberdades individuais numa monarchia ou numa tirania, só podem obter-se á custa de cerceamentos feitos nas prerogativas do rei, ou do tirano, e esses cerceamentos, em geral, importam revoluções, reacções que, de parte a parte, são violentas.

Podem apresentar-nos, e é costume faze-lo, a monarchia inglesa como prova do contrario do que aqui avançamos; podem vir-nos pregar que na Inglaterra, na monarchica Inglaterra as liberdades individuais são mais amplas do que em qualquer Estado republicano. Dando de barato que assim seja, isto é, que na Inglaterra as liberdades individuais sejam mais amplas que em qualquer outro estado, o que é certo é que o argumento nada prova em contrario do que dissemos, antes e em absoluto reverte em nosso favor.

Na verdade, em reino algum o rei gosa de menos prerogativas do que na nação em referencia; e tanto assim é, que de lá se tem dito que é uma republica coroada. A realeza revestiu-se da forma democratica, que só assim conseguia resistir ás investidas constantes do

povo na conquista das suas garantias, quer politicas, quer sociais; a realeza na Inglaterra demoratisou-se, é o termo. Nas restantes nações o fenomeno foi, e será sempre o mesmo.

Negar existencia ás democracias, o mesmo é que querer entrar o progresso, a civilização, e isso não é passivel: se está reconhecido o progresso material, em todos os seus aspectos, á humanidade, porque negar-lho no aspecto politico e social? Erro grave é, mas que mais parece insensate ou estulticia.

Em todos os tempos, de entre todos os povos os que mais avançaram, os que mais progrediram, foram aqueles que mais amplas liberdades fruíram, estas só se alcançam dentro dos principios republicanos. Luctar pela Republica é, pois, luctar pelas nossas liberdades; é pugnar por uma sociedade melhor, por uma melhor Patria.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem jôr capás de nos informar qual das comadres que ralha é a melhor.

Tambem se dão a quem se aventure izer-nos onde estão os progressos de Guimarães, que não sejam os cantados no «hino» em varias vozes.

De equal modo se gratifica pessoa, coisa ou animal que nos diga o motivo porque em dias de chuva certos e determinados catholicos, apostolicos, romanos e vimaranenses, deixam ficar o chapéu na cabeça ao toque de trindades

... e tambem a quem disser porque os ditos certos e determinados catholicos, apostolicos, romanos e vimaranenses, se descobrem mostrando as poupas, em dias de sol.

—gratifica se tambem ente, deste ou doutro mundo, que nos explique as razões porque a voz que produz os «ecos de Guimarães», se tem extinguido lentamente nos insultos que desenfreadamente tem lançado á Republica e aos republicanos.

Reflexões sobre a egualdade

Todos os chamados sistemas avançados de reorganização social apresentam como condição basilar irredutivel o principio da — egualdade humana. Que todos contribuam no trabalho para que todos compartilhem da riqueza — eis o tema eterno! O individuo pela comunidade.

Afastemo-nos, porem, um pouco do campo abstracto dos sistemas e veremos que a ideia de egualdade é uma aspiração nascida e inspirada sómente no ódio e na inveja: a miseria dos humildes tentada na opulencia dos poderosos. De facto os que reclamam egualdade não desejam, intimamente, um equilibrio da riqueza humana, uma especie de dinamica de vagos comunicantes em que o nivel superior fosse drenado para o mais baixo apenas o bastante para que as duas superficies se equilibrassem. Não. Ninguem deseja «egualdade», embora se proclame o direito de egualdade. Deseja-se apenas, avidamente, a inversão das condições da vida actual das sociedades: — que os detentores da riqueza sejam totalmente desalojados e o seu logar ocupado pelos que nada possuem. Egualdade significa portanto — cubica, inveja, odio! Mas para usufruir dos beneficios que a vida nos pode oferecer, para resistir e vencer na vida portanto, é necessaria primeiramente a *competencia*, isto é — torna-se indispensavel ser moral e intelectualmente apto, como no campo biologico é necessario ser-se fisicamente apto. E' esta maior ou menor aptidão moral que se opõe a toda a realização de egualdade humana.

A biologia apresenta-nos o caso semelhante: a luta das especies não tendo a estabelecer a egualdade, o equilibrio, a harmonia daqueles tipos que, por condições variadissimas, estão diferenciados, mas sim a conduzir á victoria apenas os mais aptos, a dar o dominio aos mais fortes; por conseguinte a selecção nasce precisamente dum desequilibrio de forças. Sem desigualdade não haveria luta, sem luta não existia victoria e sem victoria não haveria selecção. Seleccionar é portanto aperfeiçoar, é joeirar, é afastar os que são inaptos. «Existir é lutar, viver é vencer» (Le Dantec, *A luta universal*).

Estas são razões da natureza, razões experimentaes, indiscutivelmente verdadeiras. Neste caso, força e razão actuam no mesmo sentido. Aqui não tem logar os argumentos contra-productentes e sentimentais

listas da fraternidade universal. Na natureza, no mundo fisico, não ha pois, egualdade social, e este tambem jamais a teve e jamais a poderá ter. A filosofia alemã do se XIX, proclamada por Hegel e posteriormente por Nietzsche, generalisarão proprio Estado a doutrina do direito do mais forte — «*Der Staat ist Macht*», com esse colosso de unidade, beleza, de produção e riqueza, que foi o imperio alemo antes da guerra e que as ambições prematuradas doutrina pan-germanista conseguiram destruir parcialmente.

Antes de mais pensemos um momento no que seria uma humanidade em que existisse um equilibrio completo de condições de vida! Evidentemente assemelhar-se-hia a um pacifico rebanho e não se diferenciava da mais rudimentar animalidade. Aspirar a uma estabilidade do meio social ambiente, e nos desse a todos, instinctivamente, a satisfação completa das exigencias materiais, meramente fisicas, é uma ambição, a de instinctivamente mal, de todo o modo apta, pois até os proprios elementos naturais, os ditos climas, a maior, menor exuberancia flora e da fauna distribus no globo, etc., contam e se opõem a toda a possibilidade de um regimen de egualdade humana. Que as classes menos favorecidas tentem a luta no campo social, no campo da ideias e, inclusivamente, no campo das praticas violentas, e tentem a subversão dos privilegiados — poderá ser feroz, todavia tems de admiti-lo como natural e humano. «*Homo hominis lupus*». Mas que esses façam então abertamente, conforme as leis da natureza os impelem; que não encubram a sua desmarcada ambição com um falscamor a uma abstracta humanidade, com a hipocisia da egualdade, do bem comum, que alias não desejim, porque apenas ambiõnam o seu bem estar con prejuizo dos que se lhe antepõem. A estes ultimos tambem resta a faculdade de se não deixarem desaposar, embora para isso recorram por sua vez á violencia.

Esta é a luta natural e leal, mas afaste-se dela a ideia hipocrita da egualdade humana, que pretende chamar a justiça e o direito á parte mais desprotegida e, consequentemente, menos apta.

(Continúa).

M. C.

POBRE SONHADOR... ECOS

Pobre sonhador da Galileia, doutrinario sublime da Verdade e da Justiça, quem pensaria que as tuas palavras, que ruiam tronos e despenharam altares, que dominaram Cesar, aniquilaram Jupiter, quem pensaria que as tuas palavras se apagariam tão cedo no coração e na memoria dos homens a quem deste com a vida a emancipação?... Vai pelo mundo a mesma miseria e a mesma dor dilacera a alma humana; vive ainda o escravo e o pária existe!

Pregaste a Paz e a guerra campeia e aquela fraternidade de que tanto esperavas nunca foi compreendida! Pobre sonhador da Galileia, apostolo ideal da Verdade e da Justiça, a corrupção o egoismo, a desigualdade entre os homens, que pensavas ter banido, imperam ainda; e a suprema Bondade e a caridade excelsa que exemplificaste, são luz morticua de estrela distante...

Filosofo singular, doutrinario sublime da Verdade e da Justiça, quem diria que as tuas palavras se apagariam tão cedo!?

O "TESO,"

Ensaio de prosa regional

A Emilinha morava ali, com a avó, naquela casinhola pequena como um ninho, pobre mas limpa que era um regalo d'alma lá entrar-se. Um brinco aquilo, que mais geitosinha não para o serviço de arrumadora não tinha aldeia toda! Emilinha, ali, era tudo. Ele agia para os serviços, ela agitar a terrina em volta, ele olhar pela avó, entrevadinha de todo, ele... sei lá! que até fazia pensar a gente onde iria essa moça arranjar aquelas côres, aquelas carnes, aquela alegria sempre a cantar nela, tal canario em gaiola de rei! E o que trazia toda a gentinha pasmada era que tudo o que em sua caza se comia e vestia, desde a côlea ao aventalinho de chita, as suas mãos ganhavam, mãos abençoadinhas, aquelas! Horas altinhas da noite, se a obra pedia, era escutar-lhe á porta: a maquina da costura grazilhava que era uma perdição, truque-truque-truque! Se os enxoviais de anjinho nascido ou moça a cazar era ela quem os fazia! E nascia tanta gente! E cazava tanto povo!

Diz-se não sabemos do fundamento, que um grupinho integralista cá do burgo pensa atirar cá para fora um orgão onde serão defendidos com unhas e dentes os seus mais puros principios. E' justissimo e por que assim o é, não queremos regatear-lhes o nosso franco apoio.

—Sem um D. Nuno o mundo é realmente uma peste, o dia é noite, a paz é guerra e um boi é uma vaca!

—Seja pois bem vindo o orgão, para que se saiba, d'uma vez para todo o sempre, que o integralismo não é letra morta na face da terra como muito palerma imagina!

Aguardamos anciosamente a realização da grande eidea, confiados em que será para Portugal mais uma conquista e para o equilibrio do mundo mais uma solida lei — Mãos á obra por tanto ó loira mocidade! Avante por D. Nuno, pela illustrissima, Ex.^{ma} e alterissima D. Adegundinhas, meninos e bichinhos adjacentes.

Amen.

Sabemos, com profundo e sincero pesar, que já não é para já, como por lapso foi annunciada, a restauração da Monarquia em todo o paiz ilhas e colonias.

As causas estão por enquanto no dominio dos Deuses, boi Apis, cebolas do Egipto, manipaços e de alguns monarquicos «d'algo» cá da terra. As hostes estão no entanto fi-

—Cachopa d'estado, rapazes!

Elogiava o Joaquim talhadas, má lingua do sitio, abanando atabalhoadamente a polpa da orelha com aqueles dedões grossos, n'um — é d'aqui — deseioso e quente, o demonio! Era, a Emilinha! Cortadinha de talhe que nem elegante bilha de azas, um nadica carnuda, o rosto era de pasmar estrelas e santos, quanto mais gente como ela de carne e osso, bons olhos de ver e gostar! Ao alto da cabeça pequena aquele mar de cabelos desordenados, castanhos e brilhantes, aos aneis, que lh'os fizera Deus e não ferro de enrolar, eram tentação para um bando de pecados! E os olhos então senhores, os olhos serenos, meigos, grandes, escurinhos como noite, eram a boniteza maior! — apetece comelos!

dizia-lhe o descaradão do talhadas, n'um passar, aquele talhadas sempre garoto e mulhe-reiro.

—Atreve-te!

respondia ela, um sorriso que ralhava na sua boquinha pequena como beijo de mar, a côr de morango a tingir-lh'a n'uma graça provocadora!

xissimas, prontas a verter a ultima gota de sangue se necessario fôr. Se não fôr preciso tanto, estão prontos a deixar partir o mais infimo dos ossos do proprio esqueleto e dos esqueletos amigos, conhecidos e correlegionarios. Nem um só vergará e, (como o rabo da lagartinha que depois de cortado salta) partidos ás postas assim mesmo feitos cisco, gritarão do fundo da alma retalhadinha: Sempre por el-re!

—Pobres martires!... Que as vascas da agonia lhes sejam breves, que a morte lhes seja tranquila, que a terra lhes seja leve... que Deus, que os não ouve lhes vá concedendo vida e saude, visto não fazerem, afinal, mal a ninguem.

Salada

Não sei se o meu caro leitor, na grata hipotese de encontrar um leitor, já algum dia se lembrou de escrever para os jornais; eu, até hoje nunca tal tentei e por isso extranho o que comigo se está a passar. E' esquisito! Ha segura meia hora que procuro um titulo para a prosa e nada, nenhum me serve.

E o assunto? Pois se eu não acho o titulo, como hei-de achar o assunto... E' curioso!

E eu tinha tanto que dizer!...

Vai ser artigo e peras, artigo de arromba, — dizia impado cá aos botões — e, ora me propunha escrever sobre, digo, a respeito das mulheres

Mas um dia a tristeza tambem lhe chegou, que é maleita assim a modos de gente nova. E todos abriam a bocaça admiradinhos, inquirindo a cauza daquella, mudança numa raparigaça daquellas, sempre pimpõna de alegre.

—Se a avó vai a peor, mulheres! Como pode a coitada andar bem?

dizia-se, em roda de mexericos.

—Ham! anda ali moiro na costa, gente! Ali anda micire... —

intrigava um.

—Aquilo foi doença que a tomou, ora que haverá de sêr! — desculpava outro.

—Cruzes, mafarrico! A bêa da mocinha que tão temente a Deus, devotinha como poucos dos santos todos, meu Jesus do coração!

defendia a mulher do João Lindo, na sua ideia fanatica de cristã velha E a moça cada vez mais caidinha, mais arredia, fugindo agora de todos como gafado a gente limpa. E aquilo espantava! Oh! se espantava... —

Sapataria Elegante

DE

Artur de Oliveira Sequeira

Sortido completo de calçado para homem, senhora e criança

Largo do Priôr do Crato, 46 — Guimarães

das fabricas, essas pobres creaturas enfezadas que a tísica espreita, ora planeava um ataque em forma ao asqueroso açambarcador, esse vampiro insaciavel, esse... E, quando aqui cheguei, já tinha a testa franzida. Nem mais; é isto mesmo. Ai meu rico mercieiro, que ripada tu vais levar! Com esta vontade com que te estou, não te queria estar na pele... Mas... e a Camara? Então nem nada sobre essa coisa dos mictorios? Isso mais a modo.

Pois é claro! Compreende-se lá que haja três urinois para uns poucos de milhares de pessoas!...

Vai levar trepa, a senhora camara. Quer-se pelo menos um mictorio para cada familia. Mictorio e sentina, que ele falta tudo e é por isso que das janelas e das varandas, a certas horas, vai um desabar de coisas cá para baixo, que canalizadas para a Flandres, aqui ha 5 anos, fariam recuar a Alemanha em pêso só pelas suas excelentes virtudes gazosas. E' certo que a França tambem recuaria, estou mesmo a crêr que a encontraria-

mos hoje do outro lado do Atlantico; mas, paciencia seria uma retirada estrategica como tantas outras e estas não afrontam ninguem. Que o diga ali a Hespanha com as suas retiradas estrategicas em Marrocos.

E' verdade... se por falar em Marrocos: sempre teria morrido o tal general Silvestre. Que belo assunto! Harkas, rifeños e um pobre homem preso no meio daqueles barbaros, que até parecem civilizados na defeza do torrão patrio!... Agora, agora! De se sêr isso? E' isso com certeza. A camara tem razão; está dentro da silogistica aristotelica: Os rifeños são valentes; os rifeños não tem urinois. Logo os valentes não precisam de urinois. Um homem valente não se m...

E nós somos valentes, com tresentos diabos.

E o rotulo para isto? Salada.

S. S.

—O' Emilinha, não, isto assim é que não vai bem! Vocemecê vai dizer-me o seu mal, ouviu? olhe que faz bem o desabafar. Fica-se levesinha de alma como se lhe tirassem de cima um peção de chumbo! E é preciso mesmo... — pedia-lhe a Vitorina, visinha de porta, muito amiga dela, dizia.

—Ora, santinha! Isto não é nada, veja. Não se incomode... —

e a senhora Vitorina teimava, puxando-a a si, n'uma caricia peganhenta de doce.

—Então nem a mim m'o diz, que a vi nascer, aqui mesmo neste quarto, ipor dia de Reis, um nevão lá de fora de nem vêr terra!?

—Senhora Vitorina, não tenho nada, nada. Olhe... — e desatou a Emilinha a cantar, nem sabia o quê, dando á maquina nervosamente, só para mentir, não dizer o que a roia lá por dentro. Mas a mulhersinha era teimozza, pergunta que pergunta, a Emilinha não pôde mais e foi ali uma choradeira enoime, lagrimas tantas que o chalhinhos ficou-lhe n'uma sópa em menos de trez credos.

—O' menina! O' menina! corage! Olhe que a avó pôde ouvi-la. Jesus! Que tem? Ande, fale, fica melhorsinha... —

N'uma perdição, o choro da Emilinha continuava, toda agarrada á amiga que nunca vira tal desaguar de pranto.

—O' menina, se é dinheiro!... Não chore por isso, que até me prega desfeita em não se servir de mim. Sabe que é pouco, mas ainda cheha. Amigos é pr'as ocasiões, Emilinha —

—Não me falta nada. Não tenho nada! Isto passado passou. A senhora Vitorina saiu sem nada vasculhar, descomoladilha, como se tivesse perdido á lotaria. E entre as mulheres, depois, n'uma rizada estupidada, sem comprehender a tortura dumá dôr que se oculta

E' Tôla ou faz-se, a mulher!

(Continua).

João Moreno.

Guimarães, 30XII1922.

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça para mesa, chá, café, e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 - 97

GUIMARÃES



Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 tolhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

DE— GUARDASOLARIA VIMARANENSE

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (junto ás escadilhas)

Deposito de guardasois e chapéus. Ceucertam-se os mesmos

Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a

Legalment: habilitades

Operações sôbre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de cré filo

Rua da Republica, 144 — GUIMARÃES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas

LANIFICIOS

Antiga Mercearia e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARÃES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, veios, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre . . . 3050 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso . . . 220

especial

Ao Cidadão

Sociedade de Matias Samuel